

# MEDIAÇÃO E LETRAMENTO INFORMACIONAL: algumas considerações

Regina Oliveira de Almeida

**RESUMO:** A presença das TIC na Educação atinge diferentes espaços de letramentos, em particular, a biblioteca. Os bibliotecários sempre contribuíram regularmente com a formação dos alunos através da mediação, no processo de escolarização, não apenas com as fontes de consulta para o acesso à informação, mas também para a aquisição de habilidades informacionais em um processo cada vez mais intensificado com o excesso de informação. Esse processo, conhecido como letramento ou competência informacional, tem sido compreendido como o aprendizado necessário para lidar com a quantidade de informação disponível em todas as áreas do conhecimento, com raízes nas práticas de treinamento e educação de usuários. Estas práticas embasam, também, as reflexões na área da Biblioteconomia sobre o perfil educador do bibliotecário. A quantidade de trabalhos sobre relatos de práticas e experiências nacionais ainda é pequena. Há que se desenvolver o conceito de letramento informacional no ensino da Biblioteconomia e compartilhar mais narrativas de práticas e experiências a fim de implementar uma mediação mais significativa na biblioteca universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento informacional. Competência em informação. Mediação. Biblioteca universitária.

## 1 INTRODUÇÃO

A adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm contribuído para a transformação de inúmeros processos de trabalho com grande impacto nos objetivos e no desempenho exigido dos profissionais. Os bibliotecários não constituem exceção. As influências produzidas pela informática na automatização de vários serviços das bibliotecas transformaram intensamente o trabalho do bibliotecário. Outrora, denominados os “guardiões dos livros”, hoje, têm como principal atividade promover o acesso à informação. Essa mudança paradigmática, que desloca o ponto focal do trabalho biblioteconômico do acervo para o usuário, é fundamental para compreender as potencialidades encerradas na mediação bibliotecária contemporânea. Com a transição da organização de estoques de informação para a acessibilidade e

**Regina Oliveira de Almeida**  
[reginaalmeida@unirio.br](mailto:reginaalmeida@unirio.br)  
<http://lattes.cnpq.br/9114146155974232>  
Doutora em Educação pela  
Universidade Estácio de Sá - RJ  
(2015). Mestre em Educação pela  
Fundação Getúlio Vargas - RJ  
(1994). Graduada em Medicina  
(1985) e Biblioteconomia e  
Documentação pela Universidade  
Federal Fluminense (UFF, 2009).

**Submetido em: 15/04/2016**  
**Publicado em: 27/12/2016**

disponibilidade da informação, a biblioteca se renovou pela criação de novas atividades.

Recentemente, a criação de serviços on-line, não apenas melhorou o nível de colaboração e complementação de recursos entre as bibliotecas, como tornou mais nítida a necessidade de colaborar na educação dos usuários em relação ao letramento informacional. Em discurso hegemônico da área de biblioteconomia, o bibliotecário se reconhece, atualmente, como um mediador da informação. O contexto no qual se apoia para exercer essa função parte da necessidade de que a informação seja dotada de relevância e propósito.

Para melhor compreender essa função de mediação, faz-se necessário ampliar o entendimento do conceito de mediação. Há concepções de mediação e mediador nas diversas áreas (jurídica, jornalismo, tradução etc.). Mediação é uma palavra proveniente do latim *mediatio*, e significa “ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou ponte, de permitir a passagem de uma coisa à outra” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 177). Ainda, aquele que medeia, intervém, intercede por alguém (FERREIRA, 2004). Para Alves e Faquetti (2002), os mediadores podem ser classificados em formais (professores e bibliotecários) e informais (amigos, familiares e a rede de relações de outras instâncias de uma pessoa). Para essas autoras, o termo mediação é preferível ao de intermediação, por pressupor uma interação humana.

## **2 MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA**

No caso da mediação bibliotecária, Kuhlthau (1988) e Almeida Junior (2009) afirmam que ela está presente a todo o momento: na seleção do acervo, no processamento técnico dos documentos, nas atividades do desenvolvimento da coleção e, principalmente, na referência e no serviço de informação. Para Almeida Junior (2009), a mediação não é passiva, inclusive deve-se ter cuidado para não ser manipuladora; existe uma “interferência” do profissional, e por isso, por não ser neutra, pode estar comprometida com um ideal educativo.

Uma questão que se apresenta quando se fala em mediação é se o bibliotecário faz a mediação da informação ou do estoque da informação. A mediação do estoque da informação era mais visível quando se pensava a biblioteca enquanto um ambiente físico, porém com a facilidade de acesso gerada pelas tecnologias interativas, repensá-la enquanto um ambiente de aprendizagem tornou-se crucial para a transformação da biblioteca universitária.

Dar visibilidade a esta função do bibliotecário é importante, pois, em pesquisa feita por Kuhlthau (1988), corroborada em

trabalho mais recente (SOUSA, 2009), os bibliotecários eram percebidos pelos usuários apenas como organizadores, e estes só pediam ajuda quando se sentiam perdidos. No âmbito da literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, há consenso quanto à mediação conduzida no processo de interação do bibliotecário com o usuário, assim como de que ela já está muitas vezes presente bem antes da busca “quando o profissional se antecipa ao desejo do usuário e organiza o estoque de informação, dialogando com este usuário potencial” (VARELA *et al*, 2011, p.1936).

A biblioteca universitária tem, na atualidade, que fazer a mediação para a promoção do letramento informacional por meio de treinamentos, oficinas, seminários e palestras. Não é prática tão diferente se reconhecermos que o bibliotecário, historicamente, sempre teve uma faceta educativa concretizada na ação de promover a leitura, principalmente quando envolvido em ambientes escolares. A partir da década de 1990, as mudanças ocorridas na educação propiciaram a emergência de novas atividades bibliotecárias, conhecidas como educação de usuários. Envolviam auxílio à pesquisa com o ensino de habilidades para localizar, avaliar e usar as informações. Tais práticas já se inserem na noção de letramento informacional.

A mediação bibliotecária educativa significa não somente auxiliar o usuário a se tornar competente na pesquisa de informações relevantes, mas também, contribuir para o seu processo de desenvolvimento de autonomia de aprendizagem. Para tal propósito, buscar parcerias com os professores é indispensável para uma ação mais pragmática. Essa concepção encontra concordância em Almeida Junior (2004): é a mediação o objeto principal da biblioteconomia, e não a informação.

Porém, apesar do reconhecimento desse perfil educativo, as práticas bibliotecárias educativas só começam a ganhar força nos momentos atuais. É função presente no discurso, mas ainda afastada da práxis. Na década de 2000, no entanto, com o advento de discussões acerca da decorrência do que se caracterizou denominar como “sociedade da informação”, dentre elas a necessidade de democratizar a informação e o seu acesso, de capacitar os usuários para o uso crítico e reflexivo de modo que lhes permitam conduzir sua própria aprendizagem e de se expressar mais criativamente, deu-se novo alento às práticas, pelo menos, às tentativas de capacitação para o letramento informacional.

Cysne (1991) considera que é justamente pela prática educativa que o bibliotecário pode colaborar para as ações pela inclusão social, de cidadania ativa. Morigi, Vanz e Galdino (2002), inclusive, exortam a recuperação, pelo bibliotecário, de sua função catalisadora e de sua responsabilidade social como

coeducador. No entanto, ainda são reflexões prescritivas e de ordem genérica; ainda há poucas propostas de modelos e de narrativas de práticas. A função do bibliotecário como educador (ou coeducador) pode não encontrar ressonâncias no ambiente universitário: já em 2003, Dudziak afirmava que, apesar dos bibliotecários reconhecerem seu perfil de educadores, o foco das bibliotecas não ultrapassava a perspectiva representada somente pelo acervo das bibliotecas. Para essa autora, a “verdadeira mediação educacional ocorre quando o bibliotecário convence o aprendiz de sua competência, inculcando-lhe autoconfiança para continuar o aprendizado, transformando-o em um aprendiz autônomo e independente” (DUDZIAK, 2003, p. 33). Nesse sentido, é preciso uma abordagem que transcenda o domínio técnico e chame atenção para o exercício da criatividade e a renovação da função social.

Diz-se que, na biblioteca escolar, é mais fácil perceber o entrelaçamento das questões de aprendizagem pelas ações desenvolvidas pela biblioteca na promoção da leitura e nas buscas que os alunos devem realizar. No entanto, há muito similaridade com as bibliotecas universitárias pela associação entre ensino e pesquisa científica e a promoção, primordialmente, sim, também das leituras acadêmicas, mas também, pelo envolvimento com a normalização (uso das normas ABNT, entre outras) dos trabalhos acadêmicos, o uso de fontes de pesquisa referenciadas etc.

A busca pelo desenvolvimento da tarefa educadora, uma nova “interface”, e um novo papel – o de *infoeducador*, proposto por Perrotti e Pieruccini (2007), amplia a atividade de mediação ao articulá-la ao complexo aprendizagem-dispositivos informacionais. Para esses autores, a infoeducação distingue os saberes da educação e o da área de informação, mas não os separa, aproximando-se do conceito de letramento informacional, em que as habilidades e competências informacionais adquiridas passam a ter significação nos contextos de aprendizagem das pessoas.

No dizer de Campello (2009, p. 8), o letramento informacional, “por focalizar as competências das pessoas e não o serviço oferecido pela biblioteca, tem a vantagem de tornar mais clara a contribuição do bibliotecário para a aprendizagem”, aproximando-o da “interface” educativa.

Shera, já em 1972, percebia as implicações do fazer educativo que também compõem as tarefas do bibliotecário ao fazer a mediação entre as pessoas e os registros gráficos. Esse autor afirmou que a informação só adquire sentido quando contextualizada e que é o usuário que “realiza” o sentido da informação.

### **3 LETRAMENTO INFORMACIONAL**

A responsabilidade profissional em lidar com as informações e adequar seu acesso aos usuários sempre existiu. Porém, em uma perspectiva educacional mais contemporânea, com a disseminação de ensino on-line e a distância, há apoio para o reconhecimento, por parte do aluno/usuário, de que ele constrói seu conhecimento, e de que as pesquisas efetuadas podem ser enriquecidas com variadas fontes de informação, selecionadas de acordo com seus interesses e necessidades. Nesse processo, pode-se desenvolver autonomia e um olhar crítico e responsável na condução de seu próprio processo de aprendizagem; afinal, “a principal meta de todo o sistema de educação é fazer com que o educando adquira o conhecimento que ele possa aplicar em diversas situações de sua vida pessoal e profissional” (TETERYCS, 2008, p. 4).

Conforme Dudziak (2003), as diferentes concepções de letramento informacional estão centradas na interligação da informação, do conhecimento e do aprendizado. A participação bibliotecária como agente mediadora perpassa cada uma delas. Sua ação quanto aos processos relacionados ao letramento informacional, obviamente, tem seu lócus nas bibliotecas, espaços educativos onde circulam informações e que necessitam da gestão do conhecimento para potencializar os processos de apropriação da informação e o aprendizado dos usuários.

Tradicionalmente, os bibliotecários pesquisam as necessidades informacionais da organização e se responsabilizam pela seleção e fornecimento de informações. As diversas declarações produzidas e já mencionadas apenas reforçam e estimulam, mais contemporaneamente, o desenvolvimento de ações com foco no usuário, tornando a biblioteca um espaço dinâmico e interativo que possibilite a construção de competências e de conhecimento. Isso implica uma mudança de foco que necessita de um diálogo entre a tradição e a “inovação”, representadas pela mudança paradigmática do papel do bibliotecário: de preservação e guarda do acervo para os serviços de atendimento ao usuário.

No âmbito educacional, um dos indicadores considerados como inovação é o ensino com pesquisa na graduação, que implica em considerar docentes e discentes como pesquisadores e produtores de seus conhecimentos (RODRIGUES, 2011). Nesse contexto, Cobo (2013), avalia as “competências para a inovação” como o desenvolvimento de competências interpessoais que envolvem a criatividade, adaptabilidade e habilidades empreendedoras e multidisciplinares, em um ambiente social de mudanças tecnológicas intensivas e tendo a aprendizagem permanente como objetivo.

Os espaços educativos se defrontam, atualmente, com o desafio de se reconstituírem hibridamente, mesclando tradição e “inovação”, trazendo para o seu contexto uma perspectiva que procura articular as informações e os conhecimentos escolares, proporcionando uma interlocução entre ambos na qual seja possível gestar as competências informacionais, definidos por Scapechi (2009, p. 35) como os “saberes informacionais”, isto é, “a compreensão de que o sujeito é capaz de ter atitudes de recepção interessada e ativa, atitude de iniciativa, capacidade de julgar e tomar decisões apropriadas com o fim desejado, ser autônomo social e culturalmente”. Enfim, sugere-se uma preparação para que os usuários realizem, de forma reflexiva, crítica e cada vez mais autônoma suas atividades de aprendizagem e pesquisa.

Gasque (2012, p. 151) ressalta o papel do infoeducador, o qual compreende os profissionais bibliotecários, professores e coordenadores em uma integração pedagógica, “na mediação necessária para auxiliar os aprendizes a transformarem informação em conhecimento”. Assim, reafirma a mediação estritamente bibliotecária nos processos de aprendizagem dos usuários, alicerçada mais no auxílio aos usuários em termos de busca e uso da informação do que na sua organização.

A falta do bibliotecário é determinante para a desintermediação. Barreto (1998) denominou o bibliotecário como “profissional de interface” no fluxo da informação tradicional, que admite a mediação bibliotecária. Porém, o fluxo no ambiente da internet pode ocorrer de forma mais direta, sem conversas e sem interações com esse ator. Esse espaço de ausência pode ser chamado de desintermediação, e é essa falta que o bibliotecário, novamente, pelo processo de mediação, pode interferir e modificar.

A desintermediação ocorre, por exemplo, quando se confunde a utilização de mecanismos de busca sem que se saiba fazer o planejamento, de uma estratégia para que se possa ser bem sucedido no resultado, e não seja “soterrado” por inúmeras informações, geralmente, desnecessárias. A desintermediação traz, também, aspectos considerados positivos na agenda de autonomia do usuário em suas buscas de informação, sendo este aspecto considerado relevante para atestar a importância da desintermediação em tempos atuais.

Para Fourie (2001), foi justamente a entrada massiva das TIC que deu (e dá) a oportunidade para que a biblioteca universitária reflita, mude, expanda e se redefina. Para evitar problemas causados pela desintermediação (dada a abundância de informação), a mediação do bibliotecário é o espaço possível de ser desenvolvido pela biblioteca para conferir qualidade às buscas realizadas pelos usuários. A internet já foi um privilégio das universidades (RAVACHE, 2010) até 1994, mas com a

popularização do uso de tecnologias móveis (MODESTO, 2011), não será devido à infoexclusão que o usuário frequentará a biblioteca.

Está mais fácil usar as ferramentas de busca e o acesso foi ampliado. Equipamentos e conectividade são essenciais, mas não são suficientes para lidar com as fontes digitais de informação. Sem o terceiro elemento, o letramento informacional, não se desenvolve a capacidade do usuário, interagindo com máquinas e rede, de elaborar práticas significativas para a sua necessidade de aprendizagem. A condição de ser letrado, mais genericamente, significa ter domínio sobre processos culturais de codificação das informações. “Aprender a aprender”, expressa essa condição no domínio do letramento informacional.

Dessa forma, cabe comentar, ainda em relação à desintermediação, a ilusão criada pelas possibilidades de autonomia abertas com o uso da Internet e pelos processos de “personalização” das buscas realizadas pelos usuários. Nós, os usuários, não definimos nem temos controle sobre a maior parte dos critérios que os *sites* utilizam para filtrar os resultados das buscas dos assuntos que realizamos. Os resultados selecionados não são neutros, tampouco, imparciais, graças aos filtros invisíveis utilizados pelos motores de busca, que proporcionam, em sentido diferente ao da liberdade e maior autonomia, a “personalização” do uso da Internet adscritos a interesses diversos, predominantemente, econômicos.

Não se está exatamente valorando como negativo esse processo. O catálogo, por exemplo, pode ser um artefato que promove a desintermediação, pois o usuário, por meio dele, pode ter acesso aos itens referenciados sem a ajuda de qualquer profissional da biblioteca (SILVA; LOPES, 2011). Certamente é um recurso que economiza tempo e é muito útil.

De fato, é uma “lei” da biblioteconomia poupar o tempo do leitor (RANGANATHAN, 1931), isto é, economizar o tempo de busca da informação por parte do usuário; constitui missão da biblioteca obter êxito nesse processo. A tendência a poupar tempo também faz parte do comportamento dos usuários, que tendem a procurar fontes de informação conhecidas, familiares, a repeti-las, o contrário do que se busca nos processos investigativos da pesquisa científica. Nesse contexto, o bibliotecário permanece como mediador entre a informação e o usuário em tempos de *Web 2.0*, pois as antigas cinco leis de Ranganathan ainda possuem vigor na atualidade, como pode ser percebido nas concepções acerca das mesmas por Connaway e Faniel (2014).

Primeiro, “os livros são para usar”: o termo “livro” é amplo o suficiente como metonímia para qualquer documento e fonte de

informação, seja impresso ou virtual, considerando qualquer suporte: *e-books*, vídeos, plataformas para estudar como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) em geral, por exemplo.

Segundo, “a cada usuário (leitor) o seu livro”: cada “livro”, por sua vez, só se realiza contextualizado em seu leitor. Borges (1970, p. 63) sugere que “não há na vasta biblioteca, dois livros idênticos”, e minha percepção como bibliotecária é de que não há dois leitores (ou usuários) idênticos, mesmo que este seja a mesma pessoa em momentos cronologicamente distintos. O fluxo da necessidade é contínuo, e tem na cena contemporânea, uma otimização de sua *performance*, e cada vez mais é possível se sincronizar a essa lei achando o “livro” (a fonte de informação adequada nas diversas possibilidades atuais de suporte). A biblioteca continua referenciando, a cada usuário, a informação que ele precisa, ainda no mundo do *e-content*.

Em terceiro, “a cada livro o seu usuário (leitor)”: essa tarefa se tornou gigantesca com o acesso aparentemente inesgotável à fontes de informação, pois, se não há resposta ou sucesso inicial da demanda/questão solicitada, o que se pode supor é que ainda não foi achado o recurso informacional/fonte para supri-la. Tal lei está intrinsecamente ligada à necessidade da permanente atualização do bibliotecário quanto ao conhecimento e utilização dos recursos informacionais.

Quarto, “poupe o tempo do usuário”: poderia ser transposta para o primeiro lugar das leis tamanha a importância que adquiriu nos tempos de informação “líquida”(AREA MOREIRA; PESSOA, 2012). O acesso remoto, um dos principais exemplos da contemporaneidade da lei, sem necessidade de deslocamento para as bibliotecas, não diminuiu a importância dos catálogos on-line; ao contrário, estes se enriqueceram com a adição de recursos tecnológicos. Significa a expansão dos serviços típicos da biblioteca para outras estações de trabalho, como os serviços integrados às bases de dados e maior autonomia e participação por parte dos usuários ao realizar atividades como reservas de documentos, empréstimos, decidir sobre quais assuntos deseja ser informado sobre atualizações, entre outros serviços.

Por último, “a biblioteca é um organismo em crescimento”: em nada diminuiu o problema do espaço físico, hoje, adicionado devido à biblioteca digital, à questão de prover acesso e relevância dos dados. São vários os problemas enfrentados. Como crescer? O que significa para a biblioteca crescer com qualidade? Uma das suposições é a expansão de seus serviços.

Para crescer com qualidade, a biblioteca universitária precisa estar integrada ao processo ensino-aprendizagem, caso contrário, sofre o risco de se desqualificar enquanto ambiente de aprendizagem. Esse discurso atinge de forma comparável o



bibliotecário, que tem que ter compromisso com a continuidade de sua aprendizagem (manter-se atualizado sobre bases de dados, aplicativos etc.), ampliar os seus conhecimentos específicos nas áreas de conhecimento que atua e “responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo” (BRASIL, 2001, p. 32), conforme o disposto nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Biblioteconomia do Brasil.

O processo de indagação e reflexão envolvido na pesquisa científica deve levar em consideração localizar informação relevante que satisfaça objetivos e critérios. No ensino superior, “reconhecido como local onde se pensa de forma crítica”, ainda “ambiente principal de transmissão e de experiência cultural e científica desenvolvido pela humanidade” (CASTRO FILHO, 2008, p. 18), a biblioteca universitária, cujo modelo atual está centrado na acessibilidade, tem papel importante nesse processo através da mediação.

Zurkowski (1974) sugeriu, no relatório *The information service environment relationships and priorities*, que o uso dos recursos informacionais era uma necessidade crescente na sociedade e, que por isso, era necessário desenvolver habilidades informacionais – *information literacy*. À época, era presidente da *Information Industry Association*, função que talvez possa ter servido pragmaticamente para o conceito que introduziria e que desencadearia uma série de reflexões e propostas de mudança nas áreas de biblioteconomia e ciência da informação (DUDZIAK, 2003).

Sugeriu, como principal prioridade, à *National Commission on Libraries and Information Science* (Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação) estabelecer um programa nacional, pondo o marco de 1984 para que se alcançasse, de forma universal, o letramento informacional. Data sugestiva, literariamente reconhecida pelo admirável livro de George Orwell que apresentava visionariamente uma sociedade transformada (como sempre) pelo avanço tecnológico. Já se passaram trinta e dois anos da publicação, e esta ainda estimula investigar a realidade vivida pelas bibliotecas brasileiras no fomento ao letramento informacional e como durante a sua formação, os estudantes de Biblioteconomia se capacitam para cumprirem seu papel de mediadores na gestão da informação e capacitação dos usuários, para se tornarem curadores informacionais.

### 3.1 DADOS BIBLIOMÉTRICOS

Tendo por base as considerações teóricas realizadas, foi feita um busca bibliográfica sobre a temática. Em levantamento inicial realizado em dezembro de 2012, primeiramente, no sistema

Web Qualis, para identificar os periódicos oficialmente reconhecidos pela Capes, e em seguida, no Portal Capes, para achar os artigos, foram selecionados como fontes de dados os periódicos nacionais classificados como QUALIS A1, A2, B1 e B2, nas áreas de Educação e de Ciências Sociais Aplicadas, do início de suas atividades até o término de 2012 (ALMEIDA, 2014).

Os descritores e/ou palavras-chaves utilizados para a pesquisa foram: *Letramento informacional* e *Competência informacional*. Os artigos foram analisados pelos resumos, e as revistas tiveram seus sumários revisados em busca de possíveis artigos que contemplassem o objetivo da pesquisa e que pudessem não ser alcançados pelos descritores e palavras-chaves escolhidos. Após a identificação dos artigos, leitura e análise, foram estabelecidas algumas categorias e uma classificação da produção de acordo com o ano de publicação.

É oportuno lembrar que a classificação proposta pelo processo de avaliação de qualidade das revistas publicadas, Qualis Periódicos, pode classificar um mesmo título em áreas diferentes. Portanto, uma revista classificada na área de Educação como B2 pode ter sido avaliada na de Ciências Sociais Aplicadas como A1, por exemplo. Nos casos em que o mesmo título aparecia nas duas áreas pesquisadas, apenas uma foi contabilizada.

Foram encontradas 369 produções científicas nacionais na área de Educação e 117 na área de Ciências Sociais Aplicadas, em um total de 486 títulos, cujos resumos foram lidos e avaliados. Na área da Educação, foram encontrados 46 artigos, e na de Ciências Sociais Aplicadas, 5. Posteriormente, foi realizada uma categorização, levando em consideração os objetivos da pesquisa. A leitura dos resumos indicou cinco temáticas principais: “papel dos bibliotecários”, “formação de professores”, “mudanças na educação”, “inclusão social/digital” e “outros” (assuntos diversos).

A literatura levantada privilegiou as análises sobre o trabalho bibliotecário no desenvolvimento do letramento informacional dos usuários como parte de um processo que se constrói conjuntamente com os educadores e com as instituições de ensino, por meio de cursos e/ou treinamentos ou como inserção em currículos escolares sobre a temática durante os períodos de formação educacional, com a função de estimular o aprendizado baseado em recursos, na resolução de problemas e no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Em junho de 2014, em novo levantamento realizado no Portal Capes, com acesso institucional, pode-se perceber a disparidade do volume de trabalhos publicados no país diante do cenário internacional. Em busca simples, utilizando o termo

“*information literacy*” no campo “assunto”, e utilizando o filtro para resultados que contivessem apenas documentos revisados pelos pares, chegou-se a 2.535 itens, dos quais, só sete da categorização inicial de idiomas estavam em português, conforme ilustrado na Tabela 1 abaixo:

**Tabela 1:** Idiomas dos trabalhos encontrados em busca realizada no Portal Capes em junho de 2014

<b>Idioma</b>	<b>Trabalhos encontrados</b>
Inglês	2443
Espanhol	59
Alemão	7
Português	7
Francês	6

**Fonte:** elaborada pela autora.

Considerando que, a partir de 2008, segundo os dados do Portal Capes, é que se registra um aumento significativo no número de trabalhos sobre o tema, se esperaria uma confluência semelhante do fluxo na representação nacional. Entretanto, dos sete documentos produzidos no país encontrados na busca inicial, quatro são anteriores a 2008. A Tabela 2, abaixo, mostra um comparativo entre a produção nacional e o total de periódicos na área.

**Tabela 2:** Data de publicação dos trabalhos encontrados em busca realizada no Portal Capes em junho de 2014

<b>Data de publicação</b>	<b>Número de trabalhos</b>	<b>Trabalhos nacionais</b>
Antes de 1996	20	-
1996-1999	146	-
2000-2003	350	2
2004-2008	901	2
Após 2008	1192	3

**Fonte:** elaborado pela autora.

Outro dado relevante é que, na categorização proposta pelo portal, os tópicos são, em sua grande maioria, relacionados à área de Biblioteconomia: “Treinamento de usuários” - 724, “Bibliotecas acadêmicas” - 545, “Bibliotecários” - 383, “Estudantes” - 339, e outra categoria denominada puramente “Artigos”, com 646. Obviamente, o resultado da produção nacional não foi diferente; são trabalhos de pesquisadores das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, publicados em revistas dessas áreas.

Em nova busca no Portal Capes, na modalidade de busca avançada, as revistas das áreas foram contempladas mais especificamente, utilizando-se a seguinte estratégia: uso de três termos – “letramento informacional”, “competência informacional” e “competência em informação”, pois podem ter sido usados de forma conceitual semelhante e integração ao

operador booleano OR (para que no resultado aparecessem os documentos com quaisquer uns dos termos).

Esse procedimento trouxe um maior número de itens – 72 artigos. A busca em cada título foi na totalidade da coleção disponível. Em um ano e meio decorrido da última coleta de dados, dobrou-se o número de artigos sobre o tema, conforme mostrado na Tabela 3.

**Tabela 3:** Número de artigos em revistas

<b>Revistas</b>	<b>Número de artigos</b>
<i>Ciências da Informação</i>	10
<i>DataGramaZero</i>	0
<i>Em Questão</i>	2
<i>Encontros Bibli</i>	6
<i>Informação &amp; Informação</i>	5
<i>Informação &amp; Sociedade</i>	16
<i>Liinc em Revista</i>	2
<i>Perspectivas em Ciência da Informação</i>	6
<i>Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia</i>	3
<i>Ponto de Acesso</i>	1
<i>Revista ACB</i>	4
<i>Revista Digital de Biblioteconomia e Documentação</i>	3
<i>Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação</i>	6
<i>Transinformação</i>	3
<i>Biblionline</i>	3
<i>Educação Temática Digital2</i>	2
<i>Biblios</i>	0
<i>Bibliotecas Universitária</i>	0
<b>Total</b>	72

**Fonte:** elaborada pela autora.

Foi feito um novo levantamento, em junho de 2015, diretamente, nas páginas *web* dos periódicos, ampliando os termos de busca, em uma tentativa de localizar maior número de resultados. Foram utilizados: *competência em informação, competência informacional, letramento informacional, alfabetização em informação, information literacy, informations kills, information competences, alfabetización informacional, competencias informacionales, alfabetización informativa*. Os resultados mostraram um aumento expressivo do número de artigos. A Tabela 4 apresenta os novos números achados:

**Tabela 4:** Número de artigos em revistas

<b>Revistas</b>	<b>Número</b>
<i>Ciências da Informação</i>	12
<i>DataGramZero</i>	2
<i>Em Questão</i>	6
<i>Encontros Bibli</i>	9
<i>Informação &amp; Informação</i>	5
<i>Informação &amp; Sociedade</i>	16
<i>Liinc em Revista</i>	3
<i>Perspectivas em Ciência da Informação</i>	6
<i>Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia</i>	4
<i>Ponto de Acesso</i>	3
<i>Revista ACB</i>	4
<i>Revista Digital de Biblioteconomia e Documentação</i>	4
<i>Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação</i>	11
<i>Transinformação</i>	3
<i>Biblionline</i>	3
<i>Educação Temática Digital2</i>	2
<i>Biblios</i>	0
<i>Bibliotecas Universitária</i>	0
<i>Brazilian Journal of Information Science</i>	1
<i>Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação</i>	5
<i>Revista CRB-8 Digital</i>	3
<i>Inclusão Social</i>	1
<i>InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação</i>	2
<i>Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação</i>	1
<b>Total</b>	106

**Fonte:** elaborada pela autora.

O passo seguinte foi realizar buscas naquele que é considerado, geralmente, pelos bibliotecários, o maior evento da área: o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB), realizado desde 1954, sendo a sua última edição, 23<sup>a</sup>, em 2013. A página *web* da FEBAB hospeda os anais deste evento a partir de 2009. A Tabela 5 a seguir mostra os resultados.

**Tabela 5:** Letramento informacional no CBBB

Ano	Número de trabalhos
2009	9
2011	22
2013	24
<b>Total</b>	<b>55</b>

**Fonte:** elaborado pela autora.

Foi feita uma seleção de trabalhos que abordavam práticas e experiências sobre letramento informacional desses resultados. Para isso, buscou-se a presença do termo e suas variações nos títulos, resumos e palavras-chave acrescida dos termos *práticas*, *experiências*, *guia*, *modelo* e *estudo de caso*, obtendo a configuração mostrada na Tabela 6.

**Tabela 6:** Número de trabalhos sobre práticas e experiências

Ano	Periódicos	Enancib	CBBB
2006			
2007			
2008	2	2	
2009	6	3	3
2010	1	4	
2011	4	4	12
2012	1	3	
2013	2	3	19
2014		8	
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>27</b>	<b>34</b>

**Fonte:** elaborado pela autora.

Deve-se considerar que, apesar do número crescente de trabalhos apresentados no CBBB (evento bianual) sobre as práticas e experiências, não se observa nos periódicos tal tendência. Ainda é pequeno o número de trabalhos empíricos no universo de trabalhos identificados, de cunho mais teórico e conceitual.

Outras buscas foram feitas em outros repositórios de trabalhos acadêmicos. No Banco de Teses da Capes com os termos *letramento informacional* ou *competência informacional* ou *alfabetização informacional*, foram recuperados 14 documentos. Já na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) encontraram-se trinta e dois títulos através da busca com os mesmos termos. Reconhecendo que o BDTD e o Banco de Teses da Capes ainda têm limitações em indicar o total da produção nacional sobre os mais variados temas, visto que a implementação das bibliotecas digitais dos trabalhos acadêmicos das instituições ainda sofre com problemas de instalação técnica, recursos humanos para mantê-las atualizadas e políticas institucionais distintas em relação à implantação das mesmas, fez-se mister estender o levantamento bibliográfico e continuar a procura em catálogos específicos de instituições com programas na área temática. Assim, a pesquisa se direcionou, complementarmente, para os Diretórios de

Grupos de Pesquisa do CNPQ. Foram identificados quatorze grupos focalizados em *Competência informacional* (UNB, UEL, UFSC (2), USP, IF-Catarinense, FIOCRUZ, MACKENZIE, UFMG (2), UFS, UNESP, UFC, UFPB e cinco grupos sobre *Letramento informacional* (UNB, IF-Catarinense, UFMG, UFSCAR, UFC).

#### **4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O letramento informacional é ainda um conjunto de *estratégias* que podem ser utilizadas para distinguir os diferentes tipos de informação e o uso da informação de forma ética e legal. Pode ser mais bem compreendido pelo processo de ensino-aprendizagem que possibilita o desenvolvimento das competências para buscar e usar a informação, permitindo a cada usuário construir seu próprio processo de conhecimento a partir de suas decisões na análise dos dados por ele colhidos. Tendo em vista os resultados apresentados, percebe-se que os estudos da área têm aumentado gradativamente; o número e as datas das publicações recentes, no entanto, sugerem que o assunto ainda foi pouco explorado, apesar de já ser conhecido há mais de uma década.

Os bibliotecários, considerados, tradicionalmente, como mediadores do acesso à informação, estruturaram métodos e técnicas para facilitar a busca e o acesso informacional. No entanto, o lócus informacional, predominantemente até duas décadas atrás, de interação com fontes impressas, passou por uma grande transformação, que se revela contínua, com a massificação das TIC. Dessa forma, conforme preconizado por Zurkowski (1974), é imprescindível à comunidade de usuários das bibliotecas aprender a usar o melhor possível as TIC e as fontes de informação por elas disponibilizadas na realização de suas atividades.

A importância da informação na sociedade contemporânea, a necessidade de lidar com conhecimentos especializados e cada vez mais distribuídos (não mais localizado especificamente – uma universidade, uma biblioteca) e a extensão do processo ensino-aprendizagem contextualizam e fazem o entorno do letramento informacional.

## MEDIATION AND INFORMATION LITERACY: some considerations

**ABSTRACT:** The presence of ICT in education reaches other literacy spaces, in particular, the library. Librarians have always contributed regularly with the training of students through mediation, along the schooling process, not only with reference sources for access to information, but also to acquire information literacy in an increasingly intensified process with excess information. This process, known as information literacy, has been understood as the learning needed to handle the amount of information available in all areas of knowledge, rooted in training practices and user education. These practices also underpin the reflections in the area of librarianship on the librarian's educational profile. The amount of work on national practices and experiences reports is still small. It is necessary to develop the concept of information literacy in teaching librarianship and share more stories of practices and experiences in order to implement a more meaningful mediation in the university library.

**KEYWORDS:** Information literacy. University library. Mediation.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. O. de. Produção nacional sobre competência informacional. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.19, n. 1, p. 124-134, jan./jun. 2014. Disponível em: <[http://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/954/pdf\\_93](http://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/954/pdf_93)>. Acesso em: 06 jan. 2015.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/17>>. Acesso em: 15 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. In: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004.

ALVES, M. B. M.; FAQUETTI, M. F. Mudanças no serviço de referência, em bibliotecas universitárias, sob o impacto das novas tecnologias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2002, Recife. **Anais...** Disponível em:



<<http://www.sebi.ufrj.br/snbu/snbu2002/main.htm>>. Acesso em: 12 out. 2012.

AREA MOREIRA, M.; PESSOA, M. T. R. De lo sólido a lo líquido: las nuevas alfabetizaciones ante los câmbios culturales de la Web 2.0. **Comunicar**, v. 19, n. 38, p. 13-20, 2012. Disponível em: <[www.revistacomunicar.com](http://www.revistacomunicar.com)>. Acesso em: 16 ago. 2014.

BARRETO, A. de A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 122-127, maio/ago. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

BORGES, J. L. A Biblioteca de Babel. In: **Ficcões**. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 61-70.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CESo492.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CAMPELLO, B. S. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO FILHO, C. M. de. **O modelo europeu do Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI) e as bibliotecas universitárias brasileiras**: convergências e divergências. São Paulo, 2008. 238 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/.../27/...06112008.../TeseClaudioMarcondes.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../27/...06112008.../TeseClaudioMarcondes.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2014.

COBO, C. De qué hablamos cuando nos referimos a “competencias para la innovación?” In: BERGMAM, J.; GRANÉ, M. (Coord.). **La universidad en la nube**. Barcelona: LMI (Laboratori de Mitjans Interactius), Universitat de Barcelona, 2013. cap. 7. p. 145-171. Disponível em: <<http://www.lmi.ub.edu/transmedia21/vol6/pag4.html>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

CONNAWAY, S.; FANIEL, I. **Reordering Ranganathan**: shifting user behaviors, shifting priorities. Dublin, OH: OCLC Research, 2014. Disponível em: <<http://www.oclc.org/content/dam/research/publications/libr>>

[ary/2014/ocresearch-reordering-ranganathan-2014.pdf](#)>.

Acesso em: 12 out. 2014.

CYSNE, M. R. F. P. Sobre práxis: para pensar a formação e a prática bibliotecária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais....** Salvador: Associação de Bibliotecários da Bahia/FEBAB, 1991. p. 1125-1137.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/issue/view/25>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FOURIE, I. Debemos tomarnos en serio la desintermediación? **Anales de Documentación**: Revista de Biblioteconomia y Documentación, Murcia, v. 4, p. 267-282, 2001. Disponível em: <<http://revistas.um.es/analesdoc/article/viewFile/2421/241>>. Acesso em: 15 out. 2013.

GASQUE, K. C. D. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <[http://leunb.bce.unb.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento\\_Informacional.pdf?sequence=3](http://leunb.bce.unb.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento_Informacional.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 11 dez. 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KUHLTHAU, C. C. Longitudinal case studies of the information search process of users of libraries. **Library and Information Science Research**, v.10, n.3, p. 257-304, 1988.

MODESTO, F. **Internet móvel para bibliotecas sem rodinhas nas estantes de seus produtos e serviços**. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=618](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=618)>. Acesso em: 23 nov. 2012.

MORIGI, V. J.; VANZ, S. A. S.; GALDINO, K. O bibliotecário e suas práticas na construção da cidadania. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 134-147, 2002.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (Org.). **Informação e**

**contemporaneidade:** perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

RANGANATHAN, S. R. **The five laws of Library Science.** London: Edward Goldston; Madras: Madras Library Association, 1931. Disponível em: <<https://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/105454/4/Chap1.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

RAVACHE, G. Os caminhos da rede. **Revista.br**, São Paulo, v.2, p. 50-53, out. 2010.

RODRIGUES, M. E. F. A articulação ensino-pesquisa como indicador de inovação na formação do profissional da informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 214-230, mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/410/285>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

SCAPECHI, W. **Saberes informacionais na educação superior:** um estudo exploratório com estudantes universitários. 2009. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/File/dissertacoes/2009/2009-me-scapechi\\_wanderson.pdf](http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/File/dissertacoes/2009/2009-me-scapechi_wanderson.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SHERA, J. H. **The foundations of education for librarianship.** New York: Becker and Hayes, 1972.

SILVA, E. L. da; LOPES, M. I. A Internet, a mediação e a desintermediação da informação. **DataGramZero:** Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <[http://www.datagramazero.org.br/abr11/F\\_I\\_art.htm](http://www.datagramazero.org.br/abr11/F_I_art.htm)>. Acesso em 13 fev. 2014.

SOUSA, M. M. de. **A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-20102009-153956/pt-br.php>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

TETERYCS, T. Bibliotecário de referência como coadjuvante no desenvolvimento do pensamento crítico do discente de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** Disponível em:

<<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2609.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2013.

VARELA, A. *et al.* Sintonia entre o fazer profissional e o atendimento ao usuário: em foco o acesso ao conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2011, 12. Brasília. **Anais...** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xii/enancibXII/paper/view/745>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

ZURKOWISK, P. **The information service environment relationships and priorities.**[S. l.: s. n.], 1974. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED100391>>. Acesso em: 13 fev. 2014.